



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
INGLÊS E ESPANHOL

FABÍOLA JERÔNIMO DUARTE

**DA SUJEIÇÃO FEMININA AO RACISMO: UMA ANÁLISE DO CONTO “O BEBÊ
DE DESIREÉ”, DE KATE CHOPIN**

CABEDELLO

2023

**DA SUJEIÇÃO FEMININA AO RACISMO: UMA ANÁLISE DO CONTO “O BEBÊ
DE DESIREÉ”, DE KATE CHOPIN**

Artigo TCC apresentado ao Curso De Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol– como requisito para a obtenção do grau de Especialista, sob a orientação do Professora Dra. Cybelle Saffa da Cunha Pereira Soares.

CABEDELO

2023

FABÍOLA JERÔNIMO DUARTE

**DA SUJEIÇÃO FEMININA AO RACISMO: UMA ANÁLISE DO CONTO “O BEBÊ DE
DESIREÉ”, DE KATE CHOPIN**

Artigo TCC apresentado como requisito para a
obtenção do grau de Especialista em Línguas
Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol– IFPB –
tendo sido aprovado pela banca examinadora
composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CYBELLE SAFFA DA CUNHA PEREIRA SOARES**
Data: 22/12/2023 10:02:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Cybelle Saffa da Cunha Pereira Soares

Orientadora – IFPB

Documento assinado digitalmente
 **LUIZ HENRIQUE SANTOS DE ANDRADE**
Data: 22/12/2023 15:45:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^o. Dr. Luiz Henrique Santos de Andrade Membro

Examinador – IFPB

Documento assinado digitalmente
 **ROSIVANIA MARIA DA SILVA**
Data: 23/12/2023 10:25:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Me. Rosivânia Maria da Silva Membro

Examinadora – IFPB

L768s Lira, Fabíola Jerônimo Duarte de.

Da sujeição feminina ao racismo: uma análise do conto “O Bebê de Desireé” de Kate Chopin. / Fabíola Jerônimo Duarte de Lira. - Cabedelo, 2023.

25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas - Inglês e Espanhol) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB.

Orientadora: Profa. Dra. Cybelle Saffa da Cunha Pereira Soares.

1. Feminilidade. 2. Racismo. 3. Patriarcado. 4. Semiótica. I. Título.

CDU 159.922.62

SUMÁRIO

1 Introdução	7
2 A semiótica e a significação na literatura	8
2.1 A semiótica Peirce	8
2.2 A semiótica e a literatura	11
3 O patriarcado e as marcas sociais	12
4 procedimentos metodológicos	14
5 “O Bebê de Desireé”: uma leitura semiótica	15
6 Considerações finais	23
Referências	24

Da sujeição feminina ao racismo: uma análise do conto “O ebê de Desireé”, de Kate Chopin

Fabiola Jerônimo Duarte de Lira¹, Cybelle Saffa da Cunha Pereira Soares²

[1] fabiolla-mf@hotmail.com, Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Brasil. 0000-0002-5831-143X

[2] cybelle.saffa@ifpb.edu.br, Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Brasil. 0000-0001-7617-4654

RESUMO

A presente pesquisa consiste em um estudo bibliográfico do conto “O bebê de Desireé”, de autoria de Kate Chopin, por meio do qual almeja-se analisar, pelo viés da semiótica de Charles Sander Peirce, como o conto “O bebê de Desireé”, de autoria de Kate Chopin expõe críticas à sujeição feminina e ao racismo no século XIX. Para tanto, utilizamos como aporte teórico as considerações de Santaella (2000; 2007), Nöth (1995) e Melo (2015), concernente à semiótica Peirceana. No tocante à compreensão e aplicação da semiótica na literatura, nos apoiaremos em Júnior (2004; 2012), e para discutirmos como as diferenças sociais, sobretudo o racismo é fincado culturalmente e historicamente no meio social, utilizamos as considerações de Hall (2016), Bueno (2020) e Collins (2009). Ao final das análises, constatamos que o enredo de Kate Chopin expõe uma iconicidade, por meio das oposições entre as cores **branca versus negro** e **encantamento versus abandono**, que ao mesmo tempo em que serve para a construção de uma narrativa meticulosamente bem escrita, também reflete como a sociedade controla as percepções dos sujeitos e naturalizam opressões, especificamente as opressões que recaem incisivamente sobre a raça.

Palavras-chave: Feminilidade. Racismo. Patriarcado. Semiótica.

ABSTRACT

This research consists of a bibliographical study concerning the short story “Desireé’s Baby”, written by Kate Chopin, through which we aim to analyze, through the semiotics bias of Charles Sander Peirce, how the short story “Desireé’s Baby” Desireé”, written by Kate Chopin, exposes criticisms of female subjection and racism in the 19th century. To this end, we used as a theoretical contribution the considerations of Santaella (2000; 2007), Nöth (1995) and Melo (2015) regarding Peircean semiotics. Regarding the understanding and application of semiotics in literature, we will rely on Júnior (2004; 2012) and to discuss how social differences, especially racism, are culturally and historically rooted in the social environment, we will use the considerations of Hall (2016), Bueno (2020) and Collins (2009). At the end of the analysis, we concluded that Kate Chopin’s plot exposes an iconicity, through the oppositions between the colors white versus black and enchantment versus abandonment, which, at the same time serves to construct a meticulously well-written narrative, also reflects how society controls the perceptions of subjects and naturalizes oppression, especially oppression that falls squarely on race.

Keywords: Femininity. Racism. Patriarchy. Semiotics.

¹ Discente do Curso de Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol- IFPB

² Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB

1 Introdução

As obras de Kate Chopin, ainda no século XIX, irrompem não apenas como um espaço de críticas às ideologias da sociedade patriarcal, mas também de subversão de diversas realidades e injustiças sociais, sobretudo em relação à mulher e aos valores erigidos socialmente. Apesar da época em que nascera e do gênero que possuía, Kate sempre foi livre para poder seguir seus princípios, mesmo após casar-se (Duarte, 2020).

A sua escrita era considerada como regionalista, dado que buscava retratar “a vida das famílias *Creoles*, o preconceito para com os escravos, questões religiosas e os efeitos da guerra civil na vida e no próprio psicológico das mulheres que tiveram suas vidas marcadas por este acontecimento” (Duarte, 2020, p. 12).

Neste sentido, este artigo propõe analisar, pelo viés da semiótica de Charles Sander Peirce, como o conto “O bebê de Desireé”, de autoria de Kate Chopin expõe críticas à sujeição feminina e ao racismo no século XIX. Para tanto, definimos como objetivos específicos:

- Refletir como os signos que descrevem as situações vivenciadas pela protagonista de “**O bebê de Desireé**” transmitem informações acerca do racismo e da condição feminina no século XIX;
- Identificar como a oposição entre o signo **branco** e o signo **negro** são utilizados por Kate Chopin para estruturar sua narrativa, na qual a cor branca da personagem Desireé funciona como um marcador social da diferença que a iguala à condição dos escravizados;
- Investigar como a iconicidade dos signos favorecem o desenvolvimento dos fatos e da ironia presentes no final do conto.

Como aporte teórico, utilizamos as considerações de Santaella (2000; 2007), Nöth (1995) e Melo (2015) concernente à semiótica Peirceana. No tocante à compreensão e aplicação da semiótica na literatura, nos apoiamos em Júnior (2004; 2012), uma vez que a aplicação que o referido teórico faz da semiótica Peirceana na literatura auxilia na compreensão de como o signo linguístico funciona como um elemento essencial para a interpretação do leitor. Além disso, para discutirmos como as diferenças sociais, inclusive o racismo é fincado culturalmente e historicamente no meio social, utilizamos as considerações de Hall (2016), Bueno (2020) e Collins (2009).

A pesquisa consiste em uma análise bibliográfica, utilizando-se de método indutivo e por meio do qual realizamos um estudo acerca de como a oposição entre a cor branca e negra é utilizada no conto, em estudo, para debater o racismo e a ilusão de que há um sujeito com uma raça unívoca e merecedora de privilégios, em detrimento de uma raça que merece a total rejeição social.

Assim, neste primeiro tópico, fazemos uma breve descrição da pesquisa para, no tópico 2, dissertarmos acerca da semiótica Peirceana e como esta pode servir de categoria analítica no estudo do texto literário; no tópico 3, expomos como a sociedade, por meio do patriarcalismo, erigiu a superioridade do homem branco em relação à mulher branca, assim como em relação aos homens e mulheres de cor negra; já no tópico 4, fazemos uma breve descrição da metodologia adotada na pesquisa para, no tópico, 5 delinear as nossas análises acerca da iconicidade do conto e finalizarmos, no tópico 6, com as nossas considerações sobre os objetivos propostos e às análises apresentadas.

Ao final de nossas análises, constatamos que o enredo de Kate Chopin expõe uma iconicidade, por meio das oposições entre as cores **branca versus negro** e **encantamento versus abandono**, que ao mesmo tempo em que serve para construção de uma narrativa meticulosamente bem escrita, também reflete como a sociedade controla as percepções dos sujeitos e naturalizam opressões, principalmente as opressões que recaem incisivamente sobre a raça.

2 A semiótica e a significação na literatura

2.1 A semiótica Peirce

A linguagem, segundo Hall (2016), é um sistema composto de signos, sejam escritos ou não, que são usados na comunicação e formulação de um sistema de significados de uma dada cultura. Logo, os signos compõem tanto a linguagem verbal, quanto a não verbal, visto que a linguagem pode ser produzida por diversos tipos de signos, que são percebidos através das percepções visuais, táteis, olfativa e sonoras (Melo, 2015). Contudo, independentemente dos signos que são utilizados na comunicação, é importante que os sujeitos possam compartilhar uma linguagem comum entre si e que seja capaz de representar, não apenas o que está expresso no signo, mas também os sentidos que podem ir além dele.

Por isso, para auxiliar na compreensão do signo, a semiótica surge como uma ciência capaz de explicar como ocorre o processo de significação na mente, assim como a percepção do signo por parte do leitor. Por isso, a semiótica, segundo Santaella (2002), é uma ciência recente e que surge no final do século XIX, despertando interesse de estudiosos que também serviram para disseminar outras vertentes da semiótica pelo mundo.

No entanto, na semiótica de Charles Sanders Peirce é possível perceber uma ciência que contempla todas as formas de linguagens e que pode descrever e classificar todos os signos logicamente possíveis (Santaella, 2007), dado que, Peirce, ao formular uma visão pansemiótica do universo, consolida a concepção de que o mundo inteiro é permeado por signos e que cada signo existente no universo apresenta características inerentes, como a qualidade, lei e existência (Nöth, 1995).

A primeira, isto é, a qualidade divide-se em três partes:

Primeiridade: é a categoria que envolve a qualidade pura. As qualidades em si mesmas, sem referência a qualquer coisa específica. Assim, trata-se das potencialidades e das possibilidades não mediadas;

Secundidade: que se refere à relação entre dois elementos, envolvendo reações e resistências. Permitindo que as qualidades sejam ligadas a comparações e contrastes. É aquilo que permite as relações de oposição e dualidades.

Terceiridade: consiste nas relações triádicas, mediadas por regras e leis. São as qualidades relacionadas a regularidades e generalidades, através de representação, da mediação e das leis gerais.

No tocante a lei, ou seja, a segunda qualidade, temos os padrões ou regularidades que governam a relação entre representamen, objeto e interpretante. São as regras ou princípios que regem como os signos funcionam e são interpretados. Por outro lado, a existência do signo, favorecer a compreensão da dinâmica entre o representamen, objeto e interpretante. Sendo, assim, essencial para a geração de significado.

Desse modo, ao definir estas três propriedades do signo, a semiótica de Peirce consegue descrever como as mensagens engendram significados por meio de seus processos de formulação e dos diversos recursos que são utilizados nelas, ou seja, torna-se compreensível saber como o signo exerce uma relação entre suas partes constituintes e alcança a semiose (Santaella, 2002).

Segundo a definição de Peirce, o signo pode ser entendido como aquilo que está para um alguém no lugar de algo, sendo que este algo ou é o objeto, isto é, o responsável pelo processo interpretativo na mente real ou potencial do interpretante (Santaella, 2002). Por esta razão, o signo consegue representar qualquer coisa que possa ser sonhada, sentida ou imaginada, compondo um movimento gerativo, no qual cada signo é dividido entre representamen, objeto e interpretante (Santaella, 2000).

Propor a divisão do signo em uma tríade possibilita que o signo seja estudado em si mesmo, em relação ao seu referente, assim como em relação ao interpretante. Compondo, dessa forma, a possibilidade do estudo dos signos em termos da significação, objetivação e interpretação. Sendo que, quando os signos são analisados em si mesmo, isto é, em relação ao seu representamen, ele pode ser um quali-signo, sin-signo e legi-signo. Em relação ao objeto, o signo será um ícone, índice ou símbolo, ao passo que, concernente ao interpretante, o signo será uma rema, argumento ou dicente.

No tocante à tríade ícone, índice e símbolo, essas são as três possíveis identidades semióticas que o signo apresenta quando ele é pensado em relação ao objeto que é representado e ao mesmo tempo referenciado pelo signo. Por consequência, o signo em relação ao objeto pode ser um quali-signo, isto é, o signo será um ícone, visto que o objeto imediato (signo em si) evocaria o objeto dinâmico (objeto real e fora do signo), porém na instância da primeiridade, uma vez que o signo é apenas uma forma de mover os sentidos do observador para uma possível associação concreta entre o signo e o objeto.

Se o signo for um sin-signo, ele será um índice, visto que o objeto imediato indicaria o objeto dinâmico e isso faria parte da secundidade, apresentando uma relação concreta, na qual quem observa o signo consegue relacioná-lo imediatamente com o objeto. Por fim, quando o objeto for um legi-signo, o objeto imediato representa o objeto dinâmico, sendo um símbolo usado para representar, portanto, fazendo parte da terceiridade, visto que por meio de uma convenção, o signo ganha uma dimensão simbólica.

Assim, a primeiridade, secundidade e terceiridade são as três categorias definidas por Peirce e usadas para descrever como a experiência humana ocorreria na mente. Demonstrando que, a primeiridade consiste no contato imediato que temos com o signo, a secundidade faz referência à reação que externamos ao ver o signo e a terceiridade, que seria a interligação entre as duas primeiras e a categoria da semiose (Nöth, 1995).

2.2 A semiótica e a literatura

Na concepção de Santaella (2000), a semiótica aplicada à literatura decorre de uma multiplicidade de aplicações em outras áreas, tendo em vista que Roman Jakobson retoma a semiótica de Peirce por meio de explicações em estudos literários e a semiótica, assim, expande seus horizontes, não apenas na própria literatura, como também em pesquisas que envolviam a arte verbal. Assim, outras vertentes semióticas contribuíram também para a estruturação dos construtos da semiótica no campo da literatura, em especial pela definição do signo de qualidade (ícone) ou iconicidade (Nöth, 1995).

Logo, como a literatura exterioriza por meio das palavras, ou seja, nos signos linguísticos a mensagem que se pretende transmitir e os conteúdos do nível primário de significação (Nöth 1995), através das palavras é possível apreendermos os diversos sentidos que se deseja exteriorizar nas inúmeras produções literárias que circulam em nosso meio social, dado que os signos presentes em tais produções são, na verdade, signos icônicos (Júnior, 2004). Por isso, a semiótica, ao propor a iconicidade do signo, mostra como o signo linguístico na literatura consegue representar as características do objeto, funcionando como “uma réplica das qualidades imediatas do objeto” (Junior, 2004, p. 49).

Ademais, na relação signo-objeto, pelo fato dos ícones se assemelharem ao objeto, durante a semiose do texto literário, esta relação tanto consegue constituir quanto destituir significados, pois os sentidos convencionais dos signos são utilizados ou reorganizados (Júnior, 2004), de modo que sejam capazes de cumprir a função expressiva e representativa.

À vista disso, Júnior (2004) afirma que a iconicidade na literatura se dá por meio da imagem, diagrama e metáfora. O que significa dizer que as qualidades imediatas do objeto são representadas por intermédio das imagens. Logo, aspectos gráficos, onomatopeias e efeitos rítmicos são exemplos de iconicidade na literatura, ao passo que a analogia serve como forma simbólica e diagramática dentro do texto, o que faz com que tanto o prolongamento quanto o encurtamento das ordens das palavras sirvam para o alcance do signo pretendido.

Além desses dois, a iconicidade metafórica seria a analogia entre dois signos que formam uma equivalência semiótica ou ambivalência representativa (Júnior, 2004). Ainda neste sentido, o referido teórico salienta que as contribuições da semiótica Peirciana,

a respeito da linguagem aplicam-se, indefinidamente, aos contextos literários e aos não-literários. Mas é aí que está a novidade: munido dessa visão ampla, e atento à interação do icônico e do verbal, o semioticista focalizará o texto de uma perspectiva

capaz de apreender os diálogos que se estabelecem entre as diversas formas artísticas: a literatura, o cinema, a música, as artes plásticas etc. E ainda quando se detenha exclusivamente na leitura do código verbal, a Semiótica buscará nele a transformação do simbólico (no caso, a palavra) em ícone, isto é, os meios pelos quais a obra literária, mais do que representar, presentifica o seu objeto (Júnior, 2004, p. 48).

Por consequência, além do texto literário presentificar o objeto, ele também é composto por signos complexos e que, na verdade, são icônicos e capazes de serem utilizados conforme os anseios dos autores dos textos (Júnior, 2004). Aliás, ao compreendermos que os significados dos signos advêm de convenções sociais (Hall, 2016), a semiótica pode contribuir para o entendimento acerca de como a manutenção de determinados significados acarretam a continuidade de distinções e preconceitos no meio social, sobretudo em relação a condição feminina e ao marcador social da diferença de raça, neste caso a raça negra (Bueno, 2020), que trataremos na seção 3.

3 O patriarcado e as marcas sociais

Na concepção de Aguiar (2000), o patriarcalismo presente no século XIX foi um sistema semelhante à escravidão. Isto, porque o “patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais” (Morgante e Nader, 2014, p. 3). Tal inculcamento delimitou comportamentos e a condição de submissão das mulheres em relação aos homens, visto que estas, além de não terem direito a escolhas e tomadas de decisões sobre suas próprias vidas, também eram consideradas como uma propriedade dos pais e, após o casamento, dos maridos (Machado, 2000). Ademais,

As mulheres foram vinculadas ao corpo, ao emocional, à natureza e entendidas como uma produção do homem, portanto, humana, imperfeita e incompleta. Se o homem representa a essência da humanidade e da capacidade cognitiva, a mulher representa o ser inferior, conectado ao Eros, destinado às posições secundárias da sociedade (Fernandes, 2016, p. 707).

Por isso, no contexto social, o patriarcado trouxe um “maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas” (Narvaz; Koller, 2006, p. 53), dado que o

patriarcado é um sistema extremamente eficaz na estruturação e dinâmica dos processos de dominação das mulheres pelos homens.

Assim, entre as vantagens e prerrogativas que o patriarcado trouxe aos homens, podemos citar que o poder social sobre os corpos das mulheres, assim como de qualquer indivíduo que possa ser considerado como inferior aos homens, sobretudo aos homens brancos. Isto porque, enquanto as mulheres apresentavam uma insignificância social, ou seja, eram importantes apenas na realização de atividades domésticas, qualquer um que fosse negro, independentemente de ser homem ou mulher, ocupava um papel de inferioridade ainda mais intenso do que o da mulher branca, sendo não apenas insignificante, mas também considerado inumano (Hall, 2016).

À vista disso, os homens negros, por exemplo, não possuíam o papel social igualmente aos homens brancos, dado que a sociedade consolidou tais distinções utilizando-se de uma justificativa genética, quando, na verdade, as distinções são apenas formuladas por meio de prerrogativas sociais e envoltas de poder. Logo, como o homem negro foi considerado selvagem, animalesco e, ao mesmo tempo, infantilizado (Hall, 2016), a sociedade o colocou em um patamar de rebaixamento total em relação àqueles que são brancos e, de certo modo, em par de igualdade com as mulheres brancas (Fernandes, 2016), dado que os homens negros não possuíam nenhum tipo de direito, muito menos poder sobre a própria família.

À vista disso, apesar do homem negro não possuir o poder sobre seus filhos e esposas, a mulher negra teve ainda mais a inferioridade intensificada. Um exemplo expressivo da superioridade da mulher branca em relação às mulheres negras, em um momento no qual o gênero feminino era altamente submisso ao homem, pode ser observado no discurso "*Ain't I a Woman*", de Sojourner Truth, no qual a fragilidade e sensibilidade atribuídas às mulheres são questionadas, uma vez que não estamos falando de uma mulher socialmente igual as demais, mas de uma mulher negra. O que faz com que não apenas os significados do gênero, mas também da raça sejam utilizados como justificativas para violações físicas, morais e psicológicas.

Sendo assim, quando pensamos nos efeitos sociais do patriarcado, é essencial compreender que não estávamos apenas falando de distinções sociais a partir do marcador de gênero, mas também do marcador de raça, pois as distinções e opressões sociais são mais acirradas quando o gênero e a raça são pensados conjuntamente (Collins, 2009).

Além disso, como o encontro entre os homens brancos e os africanos fincou uma distinção entre as raças, cujos efeitos ainda repercutem no meio social (Hall, 2016), a exemplo do racismo impiedoso e que faz com que haja uma separação entre aqueles que possuem o respeito e a dignidade e aqueles que, supostamente, merecem a invisibilidade social, a mestiçagem representa um movimento de suma importância para pensarmos que o racismo impede a compreensão de que as raças não são demarcadas na pele, mas por meio de um sangue que une diversas raças e que entrecruzam nações. Neste sentido, Pinho (2004, p.95) assevera que:

A mestiçagem é o movimento contra o imobilismo das castas ou do regime patriarcal e uma vitória da urbanização e da modernização da sociedade. O mestiço, conceitual e concreto, é o portador da mudança e da passagem, de uma passagem que nunca se completa, mas se repõe constantemente. É, além do mais, o símbolo da mobilidade social permitida por uma sociedade que se representa fluida, aberta e dinamizada pela mestiçagem.

Diante dessa visão, além dos mestiços, independentemente de serem livres ou escravos, estarem “[...]marcados pelo estigma da bastardia (Costa, 2009, p. 98)”, a “mistura de brancos e negros, portanto, geraria pessoas sem uma identidade própria, incapazes de se adaptarem a qualquer um dos modos de vida dos progenitores[...]” (Costa, 2009, p. 98). Sendo um corpo branco, em alguns casos, mas de sangue negro, conforme perceberemos nas análises descritas abaixo.

Após apresentarmos uma contextualização acerca da categoria de análise adotada na pesquisa, assim como sobre o patriarcado e marcadores sociais, na seção seguinte, expomos a metodologia adotada na pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa consiste em uma análise bibliográfica, utilizando-se de método indutivo e por meio da qual realizamos um estudo acerca de como a oposição entre a cor branca e negra são utilizadas no conto “O bebê de Desireé”, para debater o racismo e a ilusão de que há um sujeito com uma raça unívoca e detentora de privilégios, em detrimento de uma raça que merece a total rejeição social. Acredito que você poderia mencionar quais as obras escolhidas para análise e o motivo pelo qual as escolheu.

Para tanto, destacamos trechos do conto que consubstanciam as nossas análises, isto é, do conto “O bebê de Desireé, de autoria de Kate Chopin e traduzido por Flávia Yacubian no

ano de 2019. Além disso, recorreremos a um aporte teórico construído a partir de fontes, como SciELO e Google acadêmico, além de livros, dentre os quais, destacamos Hall (2016), Bueno (2019), Collins (2009), Bueno (2020), Duarte (2023) e Santaella (2002), que nos auxiliem no delineamento de uma contextualização acerca do patriarcado, racismo, miscigenação e semiótica, que são os pilares considerados em nossa pesquisa como essenciais para a compreensão da análise semiótica que propomos.

5 “O BEBÊ DE DESIREÉ”: UMA LEITURA SEMIÓTICA

O conto “O bebê de Desireé” inicia-se com a descrição do momento no qual o senhor Monsieur, o pai adotivo de Desireé, a encontra abandonada à sombra de um grande pilar de pedras. Desireé era uma jovem encantadora, tanto que o Monsieur a amava como se fosse uma verdadeira deusa. Este amor e ao mesmo tempo contemplação para com a Desireé também fazia parte da Madame Valmondé, mãe adotiva de Desireé. O encantamento era tanto, que ambos não conseguiam compreender como Desireé poderia ter sido abandonada.

Assim, já no começo do conto, notamos uma jovem que estava em uma situação de vulnerabilidade e encontra um pai, neste caso, um pai adotivo para poder cuidar dela e dar-lhe uma vida digna. Além disso, temos uma oposição entre o **encantamento** versus o **abandono**. Dois signos que se contrastam e fazem com que os pais de Desireé não consigam compreender como uma criança encantadora, poderia ser marcada pelo abandono, principalmente por ser tão pequena.

Ao utilizar dos sentidos articulados entre **encantamento** e **abandono**, Chopin, não apenas demonstra a indagação dos pais adotivos de Desireé sobre o porquê de a terem abandonado, mas também instiga o leitor a construir suposições acerca do motivo que resultou em tal abandono, dado que se Desireé foi capaz de encantar um homem que a aceitou como filha em uma época na qual, além dos homens não serem tão afetivos, o controle do espaço privado, ou seja, a casa e a família estavam sob a responsabilidade da mulher (Fernandes, 2016), o que endossa a hipótese de haver uma razão específica para que a abandonassem.

Dessa forma, o questionamento sobre o motivo do abandono de Desireé é ainda mais reforçado quando é destacado no conto que não apenas os pais de Desireé, mas também o Armand, ao encontrá-la, também caiu de amores por ela. Sendo assim, a ênfase dada ao

encantamento de Desireé funciona como um ícone, que delineia as possíveis expectativas acerca da origem de Desireé, ao passo em que também explica o motivo pelo qual Armand, o futuro esposo da personagem e um homem pertencente a uma família tradicional da região, apaixonou-se por ela.

Assim, quando o pai de Desireé a encontrou, a sua origem era de fato desconhecida, tanto que há a suposição de que ela poderia ter vindo até o lugar no qual foi encontrada sozinha ou que poderia ter sido deixada por texanos. Enquanto que, quando Armand a encontra, ele sabia que, apesar da origem desconhecida da sua esposa, ela não estava mais na condição de uma abandonada, e sim pertencia a uma das famílias mais abastadas da região.

Contudo, é questionável o fato de Armand não ter se encantado antes por Desireé, já que a conhecia desde criança. Pensar que o encantamento dele pela esposa somente ocorreu depois de tanto tempo, mesmo já a conhecendo, funciona como mais um indicativo de que o encantamento dele pela esposa somente aconteceu mediante o desejo de contrair matrimônio e a convivência que teve com a mesma ao longo do tempo. Dois fatores que confirmam que o encantamento que Armand teve para com a esposa não foi algo instantâneo, como o que os pais de Desireé sentiram ao vê-la.

Quando a autora contrapõe a proporção do encantamento de Desireé com a complementação de que Armand, mesmo a conhecendo, somente a percebeu como uma futura esposa 18 anos depois de conhecê-la, mostra que ele não desconhecera a origem da esposa totalmente, dado que ele crescera sabendo que a esposa era filha de Madame Valmondé e Monsieur. Evidenciando, assim, que o encantamento do pai de Desireé era paternal, ao passo que o de Armand era conjugal, e justamente floresceu aos 18 anos de Desireé, idade na qual as mulheres possivelmente já estavam em busca de um casamento e, conseqüentemente, iriam sair da proteção dos pais para a do futuro esposo.

Neste caso, quando Armand se percebe entre o **encantamento** versus o **abandono**, o que ele consegue observar, isto é, perceber na esposa, é apenas a graciosidade dela e a família na qual ela estava inserida, fatores que são mais relevantes do que a origem duvidosa e o abandono que sofrera quando ainda era uma criança. Assim, no nível da secundidade, temos a percepção visual de Armand como um indicativo, ou seja, como um índice de que não importava de onde Desireé viera, mas onde atualmente ela estava (em uma família bem quista). Uma observação que o leva a considerar o presente e o que estava observando

momentaneamente como mais importante do que o passado e o sangue que Desireé possivelmente carregava em suas veias.

Logo, Armand foi tomado por uma percepção enganosa, ou melhor, ele considera a aparência de Desireé e a família na qual ela estava inserida como constatação do valor que Desireé possuía. Saindo, assim, do nível da primeiridade (o nível do imediato e da contemplação) rapidamente para o nível da secundidade (conclusão de que ela era nobre, apesar da origem desconhecida). Esta rapidez é descrita por Chopin por meio dos signos “[...] como um **tiro de pistola**[...], [...] varrido como **uma avalanche**, ou como **um incêndio** na pradaria, ou como qualquer coisa que avança de cabeça sobre todos os obstáculos” (Chopin, 2019, p. 2, grifos nossos). Três situações que poderiam arrebatá-la a vida de qualquer pessoa, sem que ela mesma percebesse, diante da velocidade do acontecimento e da exuberância de Desireé.

Além da autora do conto usar expressões que demonstra uma certa rapidez do entusiasmo de Armand, ela também usa tais expressões para mostrar uma percepção impensada e, ao mesmo tempo, presa ao que estava sendo visto. Fazendo, ainda no início do conto, uma crítica não apenas aos valores que a sociedade do século XIX consideravam como relevantes (riqueza, cor, e um núcleo familiar estruturado e renomado), como também ao julgamento em relação a uma percepção formulada mediante apenas aquilo que os olhos alcançavam, ou seja, ao que poderia ser enxergado externamente. Mostrando, dessa forma, que Armand importava-se apenas com a esposa e não com qualquer resquício do passado dela.

Ainda com o intuito de reforçar o externo e mostrar o impacto dele na vida de Armand, Chopin descreve como era a casa do personagem, apresentando elementos icônicos, como a **escuridão** do telhado, que se estendia como uma **mortalha** e que trazia àquele espaço um ar **sombrio** e o crescimento de grossos carvalhos entorno da casa. Isto é, o destaque para a cor escura serve, não apenas para demonstrar o luto que tomava conta da casa de Armand, em decorrência da morte de sua mãe, mas também enfatiza que ele se tornou um homem de personalidade forte, que costumava castigar os escravos e que era temido por eles, porém o amor de Desireé consolidou seu coração.

A presença de Desireé, assim, trouxe para a vida de Armand transformações e em diversos aspectos, sobretudo em relação à personalidade e à condição de felicidade que agora

o tomava e o eximia de fixar-se apenas na aparência. Deixando perceptível que o amor e a presença de Desireé trouxeram vivacidade à vida de Armand e também à casa dele.

A esposa era o fascínio de Armand, porém o apego ao imediato e a percepção enganosa dele começam a ser desfeitos quando da sua união com Desireé (duas pessoas brancas externamente) nasce um filho negro. A princípio, por causa do amor a Desireé e a toda a transformação que a presença dela trouxe à vida de Armand, ele ama o seu filho, mesmo sendo negro, e passa a ter a complacência de não mais castigar os escravos da fazenda, sobretudo o “Negrillon”, um escravo que finge machucar-se para não trabalhar. Sendo assim, Armand considera a cor negra como natural, porém estende a compreensão sobre a cor da pele do seu filho aos seus escravos, atribuindo-lhes, de certo modo, a humanidade que ele não observava antes.

Então, o amor a Desireé e o encantamento que Armand demonstrava para com a esposa, o destituiu tanto de considerar como irrelevante a origem, quanto também o fato de ter um filho negro. E a proporção do amor que Armand apresenta em relação ao filho é percebida na resposta que Desireé dá a Madame Valmondé e Monsieur quando ela, em uma visita à casa da filha, pergunta o que Armand acha em relação ao filho que tivera com Desireé: “Oh, Armand é o pai mais orgulhoso da redondeza, acredito, principalmente porque é um menino, para levar seu nome; embora ele diga que não, — que ele também teria amado uma garota. Mas eu sei que não é verdade. Eu sei que ele diz isso para me agradar” (Chopin, 2019, p. 12).

Apesar de ser uma criança negra, Armand apegou-se ao fato de ser um **menino**. A princípio, ao contrapormos o signo **negro** com **menino**, percebemos que enquanto o primeiro era sinônimo de inferioridade e escravidão, o outro era sinônimo de manutenção do poder e afirmação da masculinidade patriarcal, mesmo em uma época na qual o homem negro não possuía nenhuma altivez e poder em relação à própria família (Hall, 2016). Neste ponto do conto, toda a construção social que se erigiu em relação à cor negra é negada por Armand, diante da importância de saber que, apesar de ter um filho negro, ele ao menos era um menino. Na suposta aceitação que Armand demonstra em relação à cor do seu filho, Chopin deixa transparecer a concepção de que, quando se há um laço de afetividade, a cor da pele pode ser considerada por outra perspectiva, dado que, embora tivesse um filho negro, ou seja, com a pele da cor da dos seus escravos, Armand soube reconhecer que seu filho era diferente dos escravos de sua fazenda, e tal diferença não era pela cor da pele, mas pelo fato de ser filho de duas pessoas brancas.

Por meio da distinção que Armand faz, também Chopin endossa a certeza de que a pele não é necessariamente um fato que deve ditar quem deveria ou não ser escravizado, e sim, são os significados atribuídos à cor da pele, neste caso, à cor negra, que fazem com que alguém seja ou não percebido socialmente como inferior ou superior em relação aos demais sujeitos do seu grupo social. Dessa forma, a autora do conto ratifica a afirmação que Hall (2016) faz, ao dizer que a diferença não reside na cor da pele, mas nos significados socialmente e culturalmente erigidos sobre aqueles que são brancos e os outros, ou seja, as pessoas negras.

Aliás, a afetividade por Desireé e o desejo de querer aceitar a cor da pele do próprio filho fizeram com que Armand tentasse conviver com a ideia de que seu filho era diferente, mas que isso não importava, dado que amava a Desireé e ao filho. Dessa forma, mesmo sabendo que seu filho possuía a cor daqueles que eram escravizados, ou seja, era uma criança que não tinha o sangue de pessoas brancas, ainda tentou conviver com essa situação.

Entretanto, conforme a criança foi crescendo e a vizinhança, que quase nem aparecia naquela casa, começou a frequentá-la, Desireé percebe que Armand começou a mudar o comportamento. Por isso, em uma determinada manhã, Desireé acorda com a “convicção de que havia algo no ar ameaçando a sua paz [...]. Fora apenas uma sugestão inquietante; um ar de mistério entre os negros; [...]” (Chopin, 2019, p. 20).

A sugestão, ou seja, a suposição de que algo estava diferente consiste em índices que passam a sinalizar para Desireé que o esposo não está mais feliz com o fato de ter um filho negro e nem com o casamento, dado que “a luz do amor parecia ter se apagado. Ele se ausentou de casa; e quando lá, evitou a presença dela e do filho, sem desculpa. E o próprio espírito de Satanás pareceu subitamente dominá-lo em suas relações com os escravos” (Chopin, 2019, p. 20).

A transformação de Armand, ou melhor, o recobrar da personalidade anterior de Armand é sinalizada pelo fim do amor que ele aparentava sentir por Desireé. Um fim que no nível da terceiridade, expõe a mudança de comportamento e o encerramento da percepção imediata que teve para com o encanto de Desireé, isto é, à medida em que ele percebe que a sociedade não aceitaria aquela situação, o amor e o encantamento que sentia pela esposa são desfeitos, pois agora a origem dela era importante, mesmo sendo filha e esposa de pessoas brancas e bem quistas na região. Ela não era uma mulher branca legítima, dado que gerou uma criança negra.

E perceber isto, para Desireé, a atormentava, tendo em vista que passara a notar que mesmo que seu filho tenha sido gerado de duas pessoas brancas, ele era negro, assim como a mesma criança seminua que o abanava em seu berço de mogno. Estavam à sua frente duas crianças iguais, sendo que uma era distinguível da outra apenas por ser filho de pais brancos fisicamente, mas negros pelo sangue. Sendo, assim, nota-se mais uma crítica às concepções de que há uma raça pura e que pode haver o distanciamento das pessoas que são negras meramente pela cor da pele delas, quando, na verdade, o sangue as unem e as tornam iguais.

Por consequência, quando Desireé, mesmo apavorada com a observação de que seu filho era igual ao escravo que o abanava, tentou recorrer a Armand para entender o que estava acontecendo e o que fez com que ele a rejeitasse e também ao próprio filho, “ele respondeu levemente, “que a criança não é branca; isso significa que você não é branca” (Chopin, 2019, p. 20). A afirmação que Armand faz instiga a indignação, por parte de Desireé, pois ela se percebe como branca, por esta razão afirma que “Olhe para minha mão; mais branca que a sua, Armand” [...] “Tão branca quanto a de La Blanche”, ele respondeu cruelmente; e foi embora deixando-a sozinha com seu filho (Chopin, 2019, p. 20).

Esta é a passagem do conto na qual evidencia-se a incredulidade de Desireé em relação à cor de sua pele, dado que enquanto aos seus olhos ela é branca, internamente ela não possuía esta cor, por isso Armand diz que ela era tão branca como La Blanche, isto é, o local no qual estavam os escravos da fazenda. Armand, neste caso, tem uma percepção inesperada em relação à cor de Desireé, visto que ele se apegou não à iconicidade do que observava (a cor branca), mas sim, à iconicidade do que a origem desconhecida dela suscitará, ou seja, o fato de Desireé ter um sangue miscigenado que fez com que o filho do casal fosse negro.

Por consequência, ao negar a afirmação de Armand, ela recorre a sua mãe, Madame Valmondé, para que ela afirme que realmente Desireé é branca. Certamente para certificar-se de que ela não estava enganada quanto à cor da sua pele, na verdade, era Armand que estava supondo que Desireé seria negra, simplesmente pela cor do seu filho. Contudo, devido à origem duvidosa de Desireé, a única coisa que sua mãe diz é que ela retorne com o seu filho para Valmondé.

No entanto, ela não retorna para a casa da mãe, tendo em vista que, diante da rejeição do esposo e da consciência de que seu sangue, assim como seu filho eram indesejados naquele lar, ela decide ir embora para além dos juncos que ficavam próximos à fazenda. Saindo daquele recinto como uma pessoa que realmente não possui nada e que não era ninguém para

Armand e para a sociedade, pois seu sangue, independentemente da cor da pele que possuía, a impossibilitava de ser aceita e amada novamente.

A fragilidade de Desireé foi desconsiderada pelo esposo, mesmo sabendo que a esposa ainda estava no estado de puerpério. Não importava para Armand como Desireé ficara após sua rejeição e abandono ou para onde seguiria após sair de sua casa, uma vez que o mais importante era que saísse de lá e, assim, pudesse reparar a desonra e vergonha que sua origem desconhecida trouxera à casa de Armand. A sua cor branca, para Armand era negra e sinônimo de demérito para a condição de esposa e possuidora do sobrenome Aubigny. Aquela criança, embora fosse de Armand, era como qualquer um dos escravos que possuía, sem valor ou merecimento de ter uma vida luxuosa.

A origem duvidosa de Desireé que, até então, não fora desconsiderada por Armand e que não o impedira de amá-la, ao ser descoberta fez com que ele a abominasse, pois antes do casamento ela era uma branca de origem desconhecida, e agora era uma branca miscigenada, ou melhor, uma branca de sangue negro. Em razão disso, a percepção imediata de Armand, envolta de preconceito, fazia com que ele não observasse Desireé pelo estava vendo nela, mas pela origem que ela possuía. Uma origem que a impedia de ser amada e que assentia que ele a abandonasse, assim como seus pais sanguíneos fizeram.

Por esta razão, Armand se desfaz de tudo que pertenceu a Desireé e ao filho, queimando os objetos, mesmo sendo objetos refinados:

um gracioso berço de salgueiro, com todos os seus delicados móveis, foi colocado sobre a pira, que já havia sido alimentado com a riqueza de um enxoval de valor inestimável. Então havia seda vestidos, e outros de veludo e cetim adicionados a estes; rendas também e bordados; gorros e luvas; pois o corbeille era de qualidade rara (Chopin, 2019, p. 20)

Um ato que mostra a necessidade de se desfazer de qualquer coisa, não apenas sentimental, mas também física que possa representar e lembrá-lo de Desireé e do filho, assim como o desejo de que o fogo, que simboliza a pureza e transformação, possa realmente limpar, não apenas da casa de Armand, mas também de sua mente, tudo que tenha sido contaminado pelo sangue que tanto rejeitara, dado que tais objetos, ao pertencerem a Desireé, uma negra de pele branca, perderam o valor financeiro que possuíam, além do próprio valor sentimental para Armand.

É neste trecho do conto que percebemos que o signo “negro” é para Armand, tão avassalador, a ponto de demonstrar que qualquer perda financeira que tenha, ainda será

insuficiente diante da inflamada necessidade de livra-se do contato mais próximo que teve com um sangue que abomina.

No entanto, mais uma vez a escritora retoma a percepção enganosa de Armand, porém, agora, subvertendo o preconceito que ele demonstrou ao expulsar a esposa e o próprio filho, com a constatação de que, assim como Desireé, embora fosse branco, ele também possuía sangue negro. Ele, apesar de ser branco, nunca soube que pertencia “[...] à raça que está amaldiçoada com a marca da escravidão” (Chopin, 2019, p. 21).

A cor da pele de Armand, além de o enganar, também o fez considerar a esposa como uma branca mestiça, ou seja, a cor branca da pele de Desireé para Armand era diferente da dele, pois além dela não ser realmente branca, também possuía a cor considerada como inferior entre as raças (Hall, 2016). Algo que, dentro do nível da secundidade da semiótica de Peirce, mostra que toda a concepção que Armand tem em relação à cor branca inexistente quando ele descobre que, assim como Desireé, a sua cor não era realmente branca, e sim, negra.

Portanto, embora Armand seja imbuído de preconceito, ele percebe que a origem dele, assim como a de Desireé era também desconhecida. O que ele percebia visualmente durante toda a sua existência escondia a verdade sobre o seu sangue. Armand também era negro como Desireé, apesar de sua pele mostrar-lhe o oposto. Ele também carregava o sangue do filho que rejeitara e dos diversos escravizados que havia punido. Dessa forma, Chopin mostra que a cor da pele não define realmente a origem social, visto que diante das misturas genéticas entre diversos povos, o purismo de uma única e exclusiva raça não existe. Algo que dissolve a construção de um racismo que fincou raças em lados opostos e abriu escopo para diversas desigualdades sociais e o preconceito (Duarte, 2023).

Por conseguinte, o desfecho do conto de Chopin surpreende o leitor, ao mesmo tempo em que expõe que o racismo se consolida por meio de uma visão preconceituosa e que impede a sociedade de reconhecer que as raças ao longo da história passaram por um processo de miscigenação, resultando em raças não mais puras. Assim, Kate Chopin aponta a ingenuidade e preconceito das diversas famílias *Creoles* da região da Lousiana que negavam a própria origem e o fato de descenderem não apenas de franceses e espanhóis, mas também de africanos. Uma negação que decorre dos desafios relacionados ao preconceito e à discriminação, dado que, no contexto da história dos Estados Unidos, as comunidades crioulas têm uma história ligada à escravidão e, posteriormente, à segregação racial.

Com base nas análises que realizamos, apontaremos na próxima seção as considerações finais acerca do estudo em torno do objeto definido para análise e do alcance e possíveis desdobramentos observados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos o intento de nossa pesquisa, isso é, a proposta de analisar, pelo viés da semiótica de Charles Sander Peirce, como o conto “O bebê de Desireé”, de autoria de Kate Chopin expõe críticas à sujeição feminina e ao racismo no século XIX, percebemos, por meio do estudo da significação entre os pares de oposição em relação às cores **branco versus negro, encantamento versus abandono**, que há um enredo no qual diversas questões sociais e imperantes no século XIX são questionadas, como o abandono de uma mulher, neste caso, uma esposa, mesmo diante da sua fragilidade física e seu estado puerperal; a importância que a cor da pele desempenhava em detrimento do amor, afeto e parentesco, visto que nota-se a rejeição à esposa e ao próprio filho; assim como, reflete-se até que ponto a sociedade e seus valores conseguem impactar à vida, às decisões pessoais e às relações dos sujeitos, quando se considera a raça como um critério importante e definidor.

Além disso, constata-se dois corpos afetados pela percepção social, ou seja, uma mulher que era branca, mas que se descobre negra, não pelo que observa em seu corpo, mas pela afirmação que seu esposo faz, com base no suposto sangue racializado; assim como um homem imbuído de preconceito e irracionalidade, que age em conformidade com as imposições sociais e as atitudes impensadas e imediatistas que possui. Levando-nos a compreender que a mulher sofre não somente uma rejeição, mas uma punição psicológica que a confronta e atormenta diante da forma como socialmente ela passa a ser percebida, e um homem insensível, autoritário e que nega a sua afetividade e zelo, em face de decisões egoístas e moralistas. Mostrando, dessa forma, que o afeto do homem em relação à mulher apenas existe até certo ponto, isto é, até o momento em que não o desonrasse e causasse vergonha perante à sociedade.

Ademais, o enredo de Kate Chopin expõe uma iconicidade que serve para construção de uma narrativa meticulosamente bem escrita e reflete como a sociedade controla as percepções dos sujeitos e naturalizam opressões, sobretudo as opressões que recaem incisivamente sobre a raça.

Logo, dentro da prática docente, a pesquisa contribui para a compreensão acerca de como as narrativas são produzidas de forma aparentemente desprezíveis, quando, na verdade, podem contribuir consideravelmente para a discussão acerca de questões sociais pertinentes para serem estudadas e debatidas dentro do contexto educacional e social.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, N.. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e Estado**, v. 15, n. 2, p. 303–330, jun. 2000.

BUENO, W. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

CHOPIN, Kate. **O bebê de Desireé**. Tradução de Flávia Yacubian. Balão Editorial, 2019.

COLLINS, P. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge. 2009.

DUARTE, F. J. **Semioses da condição feminina em ‘a história de uma hora’, de Kate Chopin. 2020**. Monografia (Graduação em Língua Inglesa) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2020. (Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23067>. Acesso em: 23 out. 2023.

FERNANDES, D. DE A.. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 691–713, set. 2016.

HALL, S. **Cultura e representação**. PUC - Rio de Janeiro: Apicuri, 2016

HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JÚNIOR, Expedito Ferraz. “Semiótica e análise literária: uma introdução”. **Revista do GELNE**, v. 6, n. 1/2, p. 47-56, 2004.

MACHADO, Lia Zanotta. Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? In: Sociedade Brasileira de Sociologia (Ed.) **Simpósio Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo**, 52ª Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência. Brasília: SBP, 2000.

MELO, Desirée. P. & MELO, Venise. P. **Uma introdução à semiótica Peirceana**. 1ª ed. Paraná: Unicentro, 2015.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 49–55, jan. 2006.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.

PINHO, O. DE A. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. *Cadernos Pagu*, n. 23, p. 89–119, jul. 2004.

SANTAELLA, L. *A teoria geral dos signos*. São Paulo: Pioneira, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. “**A semiótica e os estudos literários**”. 2007. Disponível em; <http://www.comciencia.br/comciencia/index.php?section=8&edicao=11&id=81>. Acessado em: 01 set. 2023.

	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
	Campus Cabedelo - Código INEP: 25282921
	Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Camboinha, CEP 58103-772, Cabedelo (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0010-66 - Telefone: (83) 3248.5400

Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

TCC com ficha

Assunto:	TCC com ficha
Assinado por:	Fabiola Duarte
Tipo do Documento:	Anexo
Situação:	Finalizado
Nível de Acesso:	Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência:	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- Fabiola Jeronimo Duarte, DISCENTE (202227400036) DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS - CAMPUS CABEDELLO, em 05/09/2024 08:42:51.

Este documento foi armazenado no SUAP em 05/09/2024. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1239836
Código de Autenticação: 53efff202a

